



LER MUITO PRAZER

Um Mestre de Leitura

Ramin Jahanbegloo – Ontem falámos da sua vida. Hoje gostaria que falássemos do seu trabalho. Como o define? É um filósofo, um crítico literário ou um leitor do nosso mundo?

George Steiner – Gostaria de ser recordado – por pouco que perdue nas memórias – como um mestre de leitura, como alguém que passou a vida a ler com os outros. Para conhecermos bem o acto de leitura, devemos servir-nos das análises muito finas de Charles Péguy que deu na sua obra o exemplo de uma definição em filigrana e densa, intensa e cheia, daquilo que uma leitura bem feita implica. É uma leitura que implica uma responsabilidade, e neste termo contém-se o de resposta. Trata-se portanto de responder a um texto, à presença e à voz de outrem. E isso tornou-se difícil senão impossível numa cultura onde o ruído é constante, que não tem de reserva uma praia de silêncio ou sequer de paciência. Entendo paciência na sua acepção do século XVII, quando a etimologia prevalecia em certas fórmulas dando a «paciência» ou a «sofrer» um sentido que hoje se desvanece. Ler não é sofrer mas, falando com propriedade, estarmos prontos a receber em nossa casa um convidado, ao cair da noite. A imagem que os grandes poetas sugerem, e também emerge em Heidegger ou nos pensadores pré-socráticos, é a de um acolhimento aberto ao pensamento, ao amor e ao desejo dos outros, através da prática da leitura, da audição da música e do conhecimento da arte. Trata-se de aprender com outros a escutar melhor. É por isso que o ensino me foi sempre indispensável quando em várias ocasiões teria podido, materialmente falando, abandoná-lo. Mas na organização da minha existência, procurei-o sempre como um meio de reunir leitores à minha volta, para poder conservar a esperança de que depois da minha morte alguns outros continuem a amar os poetas e os filósofos que tanto amei. A sombra da americanização do mundo inteiro obceca-me. Depois de ter viajado por diversos países, parecia-me ver a América

que é, sem dúvida, uma libertação material do homem, sendo porém, e ao mesmo tempo, a própria adversidade, o silêncio e a solidão. O fenómeno a que me refiro contraria a resistência a um acesso demasiado imediato a um texto, a uma obra de arte ou ao pensamento. Falo de um mundo que nos vai aproximar uns dos outros, como aconteceu com a queda do templo de Jerusalém, quando deixou de existir ensino formal, tendo ele sido substituído por casas e mestres de leitura que liam e tentavam aprender a ler e a reler com alguns outros companheiros e confrades – não falemos de alunos, recuso aqui esse termo. Mas que quer tudo isto dizer? Uma leitura ideal pode ser a de um parágrafo de Montaigne, de Pascal ou de Kierkegaard, um poema de René Char, um soneto de Shakespeare, ou ainda alguns versos de Sófocles. Começo sempre por um exercício que se chama «amar o logos», quer dizer *logos philein* ou filologia. Trata-se de descobrir, com o auxílio de todas as ferramentas que os eruditos nos propõem, a saber os diversos dicionários, o sentido primeiro, ingénuo, quase inocente de cada palavra. Este questionamento é de início uma interrogação puramente filológica. Depois, é preciso passar à gramática, música do pensamento porque através das diversas formas de gramática, que formam um mundo inesgotável, é dito que o pensamento humano se faz música. Não conheço um grande poeta que não seja um mestre gramático ou um virtuoso da sintaxe, do mesmo modo que não há sintaxe que não encerre uma visão do mundo, uma metafísica, e também uma filosofia da morte. Dizer que em certas línguas o pretérito não existe, dizer que em hebraico não existem verbos no futuro, é falar de uma visão global do universo, do homem e da identidade de cada um de nós. Tais são as razões porque nos demoramos em aspectos minuciosos daquilo a que costuma chamar-se a gramática e a sintaxe. Vem depois o contexto histórico. Recuso totalmente a ideia de uma ficção que rejeite a biografia, a história e o contextual. Muito pelo contrário, não há, em meu entender, uma única frase de *Madame Bovary* que não reflecta a história do Segundo Império, da vida de Flaubert, da língua francesa, da crise da burguesia. Nenhum texto pode pretender situar-se fora de um contexto que poderíamos comparar à infinita Torre de Babel da biblioteca imaginária de Borges. A um nível limitado, porque é uma tarefa que excede um pouco os meus meios, abordamos a semântica, quer dizer o sentido do sentido, a compreensão da intencionalidade que todos os meus livros visam, sob um ou outro prisma. Então, regresso ao método medieval, que contém quatro etapas que percorrem a leitura, essa leitura tão pregnante e tão presente que devemos confessar que não compreendemos um poema ou um parágrafo e que precisamos

de o aprender de cor. O que não decorre de uma técnica mas de uma metafísica que se faz amor, que se faz Eros. Porque aquilo que sabemos de cor é inalienável; não se pode despojar ninguém daquilo que de conhecimento traz dentro de si num mundo onde reinam a censura e a opressão, o ruído, o exílio numa condição humana reduzida à segurança material esvaziada de toda a interioridade. Houve grandes almas que foram capazes de sobreviver à opressão por saberem certos textos de cor. Saber de cor uma página de prosa não é um exercício porque esse logos entra em nós – talvez demasiado difícil ou demasiado violento, inaceitável para nós –, e saber de cor a página significa que convidamos o seu logos a habitar a casa do nosso ser e que ele e nós aceitamos viver junto! Trata-se de corrermos o risco de que uma noite um texto, um quadro, uma sonata batam à porta da nossa morada – o meu livro *Presenças Reais* foi todo ele construído em torno desta imagem – quando é possível que o convidado destrua e incendeie a casa inteira. Pode ser também que nos roube e a deixe vazia! Mas temos de aceitar tomar o texto dentro de nós, e não sei como dizer a riqueza dessa experiência que vivi mil vezes, nomeadamente ao ler a *Ética*, de Espinosa, que é para mim uma referência última. Leio todos os dias Heraclito e certos poetas modernos como Paul Celan, e ainda quando talvez não compreenda bem os textos, aprendo-os de cor para que façam parte integrante do meu ser. A obra de súbito acolhe-me, sem se explicar e eu acedo finalmente ao poema. Nem por isso posso voltar para os meus seminários proclamando que enfim compreendi a obra, o que seria ao mesmo tempo arrogante e pretensioso. Todavia, é verdade que a incompreensão se transformou em amor, em fertilidade, em acto de confiança perante aquilo que me escapa. Gostaria de ilustrar o que estou a dizer com uma experiência que realizei nos Estados Unidos e que não foi uma experiência conseguida. Fui introduzido num grupo de terapia gestual onde me propuseram que acesse ao nível mais elementar da meditação deixando-me cair para trás sem medo uma vez que alguém estaria atrás das minhas costas para me amparar. Falhei o exercício o que me perturba intensamente. Tentei a valer, via outras pessoas que se deixavam, com uma confiança absoluta, cair lentamente para trás com os olhos fechados, mas não pude chegar ao mesmo resultado porque, para que a experiência seja bem conseguida, é preciso estar descomprimido no plano espiritual, *at homeless*, quer dizer estar como em casa na vida, estar na paz da própria alma. Também experimento a mesma impressão, mas ao ler os grandes textos de filosofia ou de metafísica, ou enriquecendo a minha cultura artística. Então, sim, deixo-me cair e às vezes esbarro no chão, mas vou aprendendo como

confiar no absoluto e no inacessível. O meu voto mais querido seria ter passado a minha vida a ler, a ler no sentido mais amplo do termo, como em inglês se pode dizer *I read a painting, I read a symphony*, incluindo no ler as belas-artes e a música. Toda a minha obra assenta na apreensão das vozes que se aproximam de mim. É por isso que escrevo na primeira linha de *Tolstoi ou Dostoiewski* que toda a verdadeira crítica é um acto de amor. É deste modo que me oponho às disciplinas modernas, sejam críticas, académicas, desconstrucionistas ou semióticas. Aos meus olhos, toda a boa leitura retribui uma dívida de amor.

[*Quatro entrevistas com George Steiner*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fenda, 2000]

[Transcrição gentilmente autorizada pelas Edições Fenda.]